

**“Não se Afobe, não, Que Nada é Pra Já”: 100 Anos de EaD no Brasil – Carta às Futuras Gerações**  
***“Don’t Rush, no, That Nothing is For Now”: 100 Years of EaD in Brazil – Letter to Future Generations***

Fátima Kzam Damaceno de LACERDA<sup>1\*</sup>

Fátima Teresa Braga BRANQUINHO<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

\*fatima\_kzam@yahoo.com.br

**Resumo.** No ano que marca o centenário da Educação a distância (EaD) no Brasil, somos convidados a refletir sobre o caminho já percorrido e a vislumbrar o futuro. É nesse contexto que registramos uma carta às futuras gerações descrevendo a experiência vivida na formação de professores na modalidade EaD como parte da equipe de uma universidade integrante do Consórcio CEDERJ – Centro de Educação Superior a Distância do estado do Rio de Janeiro. A Teoria Ator-Rede foi usada como referencial teórico-metodológico. Vislumbramos que o legado dos 100 anos da educação a distância, em geral, e do CEDERJ, em particular, seja abrir caminhos para a formação de docentes envolvidos na construção da vida social.

**Palavras-chave:** Teoria ator-rede. Rede sociotécnica. Formação docente.

**Abstract.** In the year that marks the centennial celebration of Distance Education (EaD) in Brazil, we are invited to reflect on the journey already taken and to envision the future. It is in this context that we present a letter to future generations, describing the lived experience in the training of teachers in the Distance Education modality as part of the team of a university participating in the CEDERJ Consortium - Center for Distance Higher Education in the state of Rio de Janeiro. The Actor-Network Theory is used as a theoretical and methodological framework. We envision that the legacy of 100 years of distance education, in general, and of CEDERJ, in particular, is to pave the way through the training of educators engaged in the construction of social life.

**Keywords:** Actor-network theory. Sociotechnical network. Teacher training.

## 1. Introdução

O ano de 2023 é considerado com um marco da Educação a Distância (EaD) no Brasil, no qual se comemora o centenário de sua utilização de forma sistemática e reconhecida (FUNDAÇÃO CECIERJ, 2023). É um momento importante de reflexão, propício para pensar sobre o caminho já trilhado e, por que não, vislumbrar o futuro. O que podemos esperar para os próximos 100 anos? Nada melhor para tentar responder a esta pergunta do que escrever uma carta para as próximas gerações. Para tal, nosso “veículo” será a Teoria Ator-Rede (TAR), ou Estudos Sociais da Ciência, o referencial teórico-metodológico (LATOURET, 2012) que vem nos permitindo estudar as redes sociotécnicas da EaD e tantas outras às quais temos nos dedicado. Nosso objetivo é descrever a experiência de formação de professores na modalidade EaD que vem sendo realizada por nosso grupo ao fazer parte da equipe de uma das universidades que compõe o Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro - Consórcio CEDERJ, nos últimos 20 anos.

Vale ressaltar que o uso de cartas nas pesquisas, como instrumento de coleta de dados tem sido registrado, especialmente na área de pesquisa em educação (MORAES, 2006; PAULO, 2023), nas narrativas (auto)biográficas (NEGRÃO e GONZAGA, 2022) e também utilizado como recurso na divulgação científica (SILVA, 2020) e publicização de resultados, no formato de artigos e capítulos de livros (BRANQUINHO e NOGUEIRA, 2012; OGATA e PEDRO, 2021). Nossa escolha foi, em consonância com a TAR, recorrer à carta como um ator que faz-fazer, ou seja, que agencia outros atores humanos e não-humanos que participam da rede da EaD no Brasil e no mundo, produzindo conhecimento. Além disso, concordamos com Negrão e Gonzaga (2022, p. 3) que “A ideia de carta resguarda intensos sentimentos, sobretudo aqueles mais ocultos que por intermédio das palavras traçadas em papel ou mesmo digitadas com o advento do computador, revelam pedaços de nós, com nosso consentimento para outro(s)” e sobre a necessidade de ousarmos na academia, nos libertando das “amarras científicas” que nos são impostas desde cedo (ALVES, 2008; LACERDA, 2020).

Assim, esperamos que os ecos de antigas palavras registradas em fragmentos de cartas possam ser decifrados por sábios e por pessoas comuns, diferente do que imagina Buarque (2008), na canção “Futuros amantes” e que possam contribuir, de alguma forma, para uma educação mais plena e comprometida com a emancipação dos povos. Que nossas palavras não venham a ser apenas “vestígios de uma estranha civilização”.

## 2. Metodologia

O caminho metodológico escolhido se baseia na Teoria Ator- Rede (TAR). É interessante começar a descrever a TAR dizendo que os pesquisadores que a formularam não tinham a intenção de criar mais uma teoria sociológica. Tal teoria foi elaborada por um grupo de pesquisadores em uma sala do Centro de Sociologia da Inovação, no subsolo da Escola de Minas de Paris, na década de 70. Tal teoria não foi criada para ser uma teoria social nos moldes instituídos desde Durkheim no século XIX, isto é, uma teoria que analisa, interpreta fatos sociais como coisas. Esta faz parte do campo dos Estudos Sociais da Ciência e pode ser considerada um princípio explicativo da realidade à medida que busca descrevê-la (LATOUR, 2001).

Mas, qual é a peculiaridade dessa descrição? A conduta do pesquisador! Ele segue atenta e cuidadosamente os atores presentes na referida realidade - e que agem produzindo mudanças - quer sejam seres humanos, máquinas, plantas, animais, recursos minerais - buscando descrever tais mudanças. Para isso, o pesquisador deve se despir de pré-conceitos começando por duvidar da separação entre sujeito e objeto instaurada pela ciência moderna. Afinal, a ciência nascida com Galileu e Newton, baseada na matematização da experiência, considera que o sujeito age e o objeto é passivo, mas, para os filósofos que formularam a TAR, ambos são dotados de ação. Essa provocação intelectual não nos obriga a olhar com mais atenção para o que dá suporte para a EaD acontecer? Afinal, não há bem mais “coisas” que coordenadores, alunos, tutores, técnicos?

Em *Jamais Fomos Modernos*, Bruno Latour (1994) remonta à sociedade do século XVII e tece um diálogo entre Boyle e Hobbes, levando-nos a considerar o nascimento da cidadania, não somente das pessoas como também das coisas. Outra obra de referência para a compreensão da TAR é *A vida de laboratório*, de Latour e Woolgar (1997).

Para a TAR, o procedimento metodológico básico é seguir os atores e descrever minuciosamente o que fazem, como agem, que outros atores agenciam. O foco está na descrição dos vínculos sociais que criam com as suas ações, vínculos qualificados como complicados por serem mediados por atores humanos ou não humanos que provocam transformações no cotidiano. Assim, o pesquisador se comporta como alguém que não sabe, não filtra o que pretende estudar a partir de conceitos prévios, observa demoradamente aquilo que está querendo compreender e se dedica a elaborar descrições densas baseado no modo como os atores observados consideram a si mesmos e como definem o que fazem. A passagem cronológica do tempo, que indica o progresso e considera o antigo como algo ultrapassado, é substituída por uma noção de tempo em que arcaico e moderno convivem, confluem, fertilizam um ao outro no presente. Dessa forma, ciência e outros saberes sobre o ambiente, a saúde, comportamentos, hábitos podem assumir os diálogos que estabelecem no seio das famílias, das escolas, na vida de relação em todas as partes do mundo, sem que se estabeleça uma hierarquia entre eles ou garantindo estatuto de verdade a um em detrimento do outro. Será que esse viés epistemológico pode contribuir para a formulação de políticas de inclusão?

A consideração de que tanto sujeito quanto objeto agem é chamado de Princípio de Simetria (LATOURE, 1994). Ele borra a fronteira entre sociedades científicas e aquelas que não têm a ciência como instrumento de leitura do mundo e exige que nossa sociedade científica e tecnológica repense a noção de hegemonia intelectual que conduz as relações com os povos originários, por exemplo. Essa é a principal mudança no procedimento da pesquisa – atores são seguidos independentemente do fato de serem humanos ou não humanos (FERNANDEZ, MACEDO e BRANQUINHO, 2018).

Em síntese, é conduta metodológica do pesquisador desenvolver o mesmo olhar atento tanto para as coisas-em-si quanto para os homens-entre-eles. Isso dá aos objetos o estatuto de agentes e nos permite pensar os computadores, a plataforma, os Polos do CEDERJ como mediadores que nos conferem a condição de ser humano, hoje, século 21, tecidos por 100 anos de EaD.

### 3. A Carta

Olá, queridas gerações futuras,

Neste novembro de 2023, escrevemos para vocês para registrar o fato de estarmos comemorando, no Brasil, os 100 anos da Educação a Distância que chamamos, de forma abreviada, de EaD. Durante todo esse tempo, esta já passou por várias fases, do ensino por correspondência até a era digital. Mas, nesta carta, gostaríamos de descrever, especificamente, o nosso envolvimento na construção dessa EaD que também é a história do nosso desenvolvimento pessoal e profissional como docentes de uma instituição pública de ensino.

São 100 anos de história da EaD, dos quais vinte, no mínimo, vivemos colecionando planejamentos, ações educativas, projetos de pesquisa, de extensão, desenvolvimento de conteúdo socioambiental para formação de docentes, interfaces institucionais, gestão de recursos humanos e materiais didáticos na realização do Consórcio Cederj.

Não sei se vocês sabem, mas o Consórcio Cederj foi formado pela colaboração entre as universidades públicas sediadas no estado do Rio de Janeiro e faz parte da Fundação CECIERJ - Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro. A iniciativa foi pioneira, teve a finalidade de democratizar o acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade na modalidade EaD<sup>1</sup> e foi amplamente documentada por autores como Bielchowski (2006, 2017), Granato et al. (2010), Cassiano et al. (2016) e Lo Bianco e Faria (2019).

Tal como um diamante raro originado por condições de temperatura e pressão muito especiais, o Consórcio Cederj trouxe brilho, encanto e esperança para a vida cotidiana de muitos fluminenses e também para a vida de muita gente espalhada por esse Brasil afora<sup>2</sup>, uma vez que esta

<sup>1</sup> Ver: <<https://www.cecierj.edu.br/consorcio-cederj/>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

<sup>2</sup> Como as histórias dos estudantes da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) disponibilizadas em: <<https://sites.google.com/uemanet.uema.br/25anos>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

experiência inspirou várias outras, como a Universidade Aberta do Brasil (UAB)<sup>3</sup>, uma iniciativa do governo federal que visou desenvolver um amplo sistema nacional de educação superior a distância envolvendo as universidades públicas federais e estaduais do país.

Não foi nada fácil. Durante todo esse tempo a EaD esteve envolvida em várias controvérsias, dentre elas a questão do preconceito e das lutas políticas, dentro e fora das universidades. Tivemos o privilégio de pesquisar os desafios na formação de professores na modalidade semipresencial, mergulhando na proposta dos cursos de licenciatura que a universidade oferecia por meio do Consórcio CEDERJ. Para isso, utilizamos a Teoria Ator-Rede (TAR) como referencial teórico-metodológico, o que nos permitiu seguir os atores envolvidos na rede sociotécnica da EaD e envolver os licenciandos e tudo o que lhes dava suporte, na pesquisa. Tal proposta deu origem a diversos trabalhos que discutiram as contribuições da EaD para a Educação ambiental (LACERDA e BRANQUINHO, 2010), a evasão nos cursos semipresenciais (LACERDA e ESPÍNDOLA, 2013; SOUZA, MAZIN e LACERDA, 2015), as atividades de extensão nos cursos EaD (PINHO JR. et al., 2014; PEREIRA, PORTUGAL e LACERDA, 2021; JESUS e LACERDA, 2022), a importância dos polos de apoio presencial (LACERDA e OLIVEIRA, 2017), as controvérsias que emergiram no período da pandemia de Covid-19 (CASTRO, LACERDA e SABA, 2022, 2023), entre outros.

A escolha da TAR evidenciou que a EaD proposta pelo CEDERJ e implementada pelas universidades consorciadas pode ser vista, conforme enfatiza Lacerda (2012, p. 222), “como uma rede sociotécnica na qual atuantes humanos e não humanos estão entrelaçados no fazimento das ações de ensinar-aprender, na produção de conhecimento: todos estão interligados e nenhum componente possui lugar de destaque”.

No caso da rede sociotécnica em estudo, foram necessárias escutas atentas ao que diziam o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) – conhecido como plataforma CEDERJ –, os Materiais Didáticos impressos (MDIs) elaborados especialmente para esta finalidade, os *sites*, os CDs, enfim, o objeto quase humano que denominamos de “Laboratório de Educação a distância”. Suas falas deram visibilidade ao sistema circulatório que mantém viva essa rede, evidenciando a construção simultânea da natureza e da sociedade, como bem aponta Latour (2001). As malhas desta rede são constituídas pelos polos de apoio presencial, pelas universidades, mas estão também nas empresas de equipamentos de informática, no ministério das comunicações, no ministério da educação, nas prefeituras e nas câmaras dos vereadores dos municípios do interior fluminense, na secretaria de ciência e tecnologia do estado do Rio de Janeiro, nas leis que regem a EaD no Brasil, nos conceitos discutidos nas aulas, nos valores construídos no cenário da ética virtual, mas não só nestas instâncias.

Isso quer dizer que o “laboratório de educação a distância inter-relaciona, ao mesmo tempo, afetividade, conflitos, negociações e interesses, indicando a indissociabilidade entre atividade

---

<sup>3</sup> Ver: <

<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-a-distancia/universidade-aberta-do-brasil>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

cognitiva e fatores sociais”, ou seja, o emaranhamento entre a construção de conceitos e o contexto no qual se dá tal construção (LACERDA, 2012, p. 223).

E, mais do que isso, parte dos experimentos realizados nesse laboratório se realizam a céu aberto, ou seja, os experimentos, protocolos e práticas se realizam sem muros, com a participação de não especialistas e das “coisas” que nos rodeiam e que fazem parte da nossa “humanidade”.

Assim, consideramos que a TAR ofereça uma contribuição muito importante para as pesquisas em todas as áreas, pois considera a ação dos não humanos na construção dos fatos científicos e defende a noção da desierarquização dos saberes (BRANQUINHO e LACERDA, 2017). Foi assim que compreendemos que os polos de apoio presencial também constroem currículos, tal qual os professores e os estudantes e que os materiais impressos produzidos especialmente para a EaD, bem como os artigos publicados também são atores, também agem, fazem-fazer, alterando a ação de outros atores da rede.

Foi nesse contexto que escolhemos escrever esta carta para vocês, gerações futuras, entendendo que esta pode ser um potente atuante e, de alguma forma, colaborar no desenvolvimento da EaD para os próximos anos, agenciando outros atores, fazendo associações.

Esta carta não foi escrita com uma preocupação típica do pensamento moderno, tentando imaginar o que o desenvolvimento tecnológico irá trazer de progresso e inovação, numa seta linear do tempo, mas tentando refletir sobre as lacunas, os plasmas<sup>4</sup> que insistimos em não observar, ouvir, mas que emergem do nosso coletivo e gritam, tentando nos acordar.

Afinal, atualmente,

podemos afirmar que a rede de Educação Distância brasileira reúne elementos de todo os tempos, ou seja, utiliza de forma integrada o material impresso, os computadores, a internet, o rádio, a televisão, vídeo e teleconferências, apresentando-se, portanto, como um híbrido de naturezas-culturas no qual se misturam estes atuantes não humanos e interesses econômicos, organismos internacionais de financiamento, o ministério da educação, a CAPES, professores, tutores, alunos (LACERDA, 2012, p. 223-224).

---

<sup>4</sup> Nas palavras de Latour (2012, p. 344-345), “a sociedade não é onipresente, onisciente, ubíqua, atenta a cada um de nossos movimentos e pensamentos mais secretos... Uma rede não é, antes de tudo, feita de espaços vazios?” Portanto, há que se reconhecer, que em uma pesquisa sobre um cenário coletivo como este que buscamos descrever nesse artigo, nem tudo é percebido pelo olhar do pesquisador: algo escapa.

Então, se com a TAR, percebemos que o tempo não é linear e sim em espiral, se consideramos que o pesquisador deva sentar no lugar daquele que não sabe, se defendemos que a pesquisa deve ser feita sem pressa, por que seria diferente nos próximos anos?

Afirmamos isso, pois, infelizmente, dentre itens de uma longa lista de conquistas científicas, tecnológicas e éticas colecionadas paralelamente aos 100 anos decorridos de EaD no Brasil, há outros itens aparentemente menos nobres relacionados a desigualdades, desequilíbrios e desumanidades. Afinal, vivemos em um mundo atravessado pela chamada “crise ambiental”, por uma pandemia sem precedentes, e, ainda, pela “loucura da guerra”.

Nesse contexto, autores como Krenak (2020) nos alertam que:

O século XXI exige respostas da Universidade que estejam à altura dos desafios de nosso tempo, e isto obriga as instituições de ensino superior a uma constante atualização de suas ‘mentalidades’. Essa pode ser a janela para que aconteçam diálogos entre diferentes tradições, com abertura para a interculturalidade, nos quais os chamados *povos da floresta* estão também instigados a refletir sobre o nosso tempo e seus desafios, que deixaram de ser locais e regionais e se tornaram um alerta global, não apenas do ponto de vista da emergência ecológica planetária, mas também pelas novas necessidades que uma população crescente a cada dia vem demandando para quem tem a responsabilidade de pensar sobre o nosso futuro comum (KRENAK, 2020, p. 23, grifos do autor).

E como será esse nosso futuro comum? O que podemos esperar para os próximos 100 anos? Quais seriam as possíveis contribuições da EaD na modificação deste cenário? Mas será que, até lá, teremos uma Terra para habitar (LATOURETTE, 2020)?

Os Krenak desconfiam desse destino humano, por isso que a gente se filia ao rio, à pedra, às plantas e a outros seres com quem temos afinidades. É importante saber com quem podemos nos associar, em uma perspectiva existencial mesmo, em vez de ficarmos convencidos de que estamos com a bola toda. Foi esse ponto de observação que me fez afirmar que nós não somos a humanidade que pensamos ser. É mais ou menos o seguinte: se acreditarmos que quem apita nesse organismo maravilhoso que é a Terra são os tais humanos, acabamos incorrendo no grave erro de achar que existe uma qualidade humana especial. Ora, se essa qualidade existisse, nós não estaríamos hoje discutindo a indiferença de algumas pessoas em relação à morte e à destruição da vida no planeta. Destruir a floresta, o rio, destruir as paisagens, assim como ignorar a morte das pessoas, mostra que não há parâmetro de qualidade nenhum na humanidade, que isso não passa de uma construção histórica não confirmada pela realidade (KRENAK, 2020, p. 42-43).

Desta forma, ressaltamos, com a TAR, a necessidade de convocação do coletivo!!! A EaD sempre

esteve em toda parte, antes e depois do advento do computador e poderia ser trabalhada como dimensão e não como modalidade, uma vez que acreditamos que a Educação não necessite de adjetivação. A indissociabilidade que se apresenta nos faz propor a ideia de Educação como um evento cromático no qual estão associadas inequivocamente todas as facetas da educação, quer queiramos ou não.

Em outras palavras, a dicotomia entre a educação a distância e a educação presencial não existe. A Educação com “E” maiúsculo é ambiental, humanitária, inclusiva, emancipatória e, portanto, comprometida com a emancipação dos povos, de todos os povos, não só aqueles que possuem a ciência como instrumento de leitura do mundo. E a formação de professores tem um papel fundamental, pois possui a tarefa de formar docentes que certamente irão formar outros docentes.

Mas, queridas gerações futuras, como não repetir os mesmos equívocos do passado? Que tal não reiterando as separações entre sujeito e objeto, natureza e cultura, arcaico e moderno, razão e emoção e tantas outras dicotomias que só reforçam as desigualdades, desequilíbrios e desumanidades? Que tal não ter pressa, não se afobar, já que nada é pra já?

#### 4. Considerações Provisórias

É possível afirmar que o legado de 100 anos da educação a distância, em geral, e do CEDERJ, em particular, é fazer caminhos a partir da formação de trabalhadores envolvidos na construção da vida social.

O CEDERJ faz parte da história e cultura material da vida Fluminense. Inundou o mundo do trabalho com novos conceitos, ideias, novos objetos-sujeitos, novas categorias de seres, coletivos. Compartilhou ferramentas que estão no dia a dia do ofício de ensinar, de compartilhar conhecimento, expandindo a representatividade étnica, social e de gênero a partir das diferentes disciplinas dos cursos de graduação implementados no estado do Rio de Janeiro.

É possível afirmar, ainda, que a EaD realizada no âmbito do Consórcio CEDERJ transforma abstrato em concreto, estabelece pontes entre modos de vida e trabalho e se realiza em um ambiente de segurança, zelo e criatividade.

Há, assim, apenas uma previsão sobre o futuro da EaD, guardando coerência com a TAR: ela deve continuar sendo guiada, sem pressa, por perguntas no lugar de afirmações/diretrizes. Sugerimos manter a mesma que nos habitou desde a nossa inserção no processo de criação do CEDERJ: é papel da educação trazer beleza ao mundo, contribuindo para a luta por emancipação e direitos de todos os humanos e não humanos?

Esse texto é, assim, um exercício de nos ver a partir de um museu imaginário onde foram colecionados laços profissionais, ferramentas pedagógicas, familiares, agentes comunitários,

eventos artísticos, fatos científicos, enfrentamentos políticos... muito suor e lágrima, muitas formaturas celebradas com intensidade, inúmeras conquistas. Tal projeto curatorial traduzido em carta revela complexa teia de relações que se estende da plataforma – sem lugar e sem tempo – onde estão ancorados os cursos, ao cotidiano de escolas e casas fluminenses, aqui e agora.

## Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer aos colegas e estudantes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bem como à equipe do Consórcio CEDERJ pelos 20 anos de compartilhamento de dúvidas, aprendizados, afetos e conquistas. Especialmente ao grupo de pesquisa das “Formigas Branquinhas”, com quem aprendemos a compor o mundo comum.

## Referências Bibliográficas

ALVES, N. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas** – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008, p. 15-38.

BIELSCHOWSKY, C. E. Educação superior a distância: uma estratégia para avaliação institucional. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Desafios da educação a distância na formação de professores**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2006. p. 51-65.

BIELSCHOWSKY, C. E. Consórcio Cederj: A História da Construção do Projeto. **EaD em Foco**, v. 7, p. 2-28, 2017.

BRANQUINHO, F. T. B.; NOGUEIRA, M. A. L. (Org.). **Cartas à Mãe Terra**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2012.

BRANQUINHO, F. T. B.; LACERDA, F. K. D. A contribuição da teoria ator-rede para as pesquisas em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 3, set./dez. 2017, p. 49-67.

BUARQUE, C. **Futuros amantes**. Chico Buarque Essencial (Box), 2008. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/6sbrijXKaQJWJvcnHCeEwcs> - Acesso em: 16 nov. 2023.

CASSIANO, K. M.; LACERDA, F. K. D.; BIELSCHOWSKY, C. E.; MASUDA, M. O. Distribuição espacial dos polos regionais do Cederj: uma análise estatística. **Ensaio**, Fundação Cesgranrio, v. 24, n. 90, p. 82-108, 2016.

CASTRO, A. A. M.; LACERDA, F. K. D.; SABA, C. O distanciamento social e a formação de professores na modalidade semipresencial: relato das vivências no curso de Ciências Biológicas no Polo Magé/RJ. **Revista EMREDE** – Revista de Educação a Distância, v. 9, p. 1-23, 2022.

CASTRO, A. A. M. de; LACERDA, F. K.; SABA, C. C. A. do N. Educação a Distância na Pandemia Covid-19: o Que Dizem os Licenciandos em Ciências Biológicas do Polo Magé/RJ sobre essa Experiência? **EaD em Foco**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. e1943, 2023. DOI: 10.18264/eadf.v13i1.1943. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1943> - Acesso em: 30 out. 2023.

FERNANDEZ, V.; MACEDO, J.; BRANQUINHO, F. T. B. *Pedra, planta, bicho, gente...coisas: encontros da teoria ator-rede com as ciências ambientais*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2018. 184 p.

FUNDAÇÃO CECIERJ. **Seminário da Fundação CECIERJ celebra centenário da EAD no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://www.cecierj.edu.br/2023/09/06/seminario-da-fundacao-cecierj-celebra-centenario-da-e-ad-no-brasil/> - Acesso: 27 jan. 2024.

GRANATO, T. M. et al. **O destino dos alunos egressos de cursos oferecidos 237 através do Consórcio CEDERJ**. Relatório de pesquisa de egressos formados 2005-2009. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ/Consórcio CEDERJ, 2010.

JESUS, S. A.; LACERDA, F. K. D. Quando nasce uma professora: memórias Pibidianas da construção docente. **Humanidades & Tecnologia em Revista (FINOM)**, v. 35, p. 148-158, 2022.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LACERDA, F. K. D. **Contribuições da Educação a Distância para a Educação Ambiental**: utilização da rede sociotécnica na análise das concepções de meio ambiente e saúde no Polo de Nova Friburgo. Tese [Doutorado em Meio Ambiente], Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

LACERDA, F. K. D. Produção do conhecimento na academia: é possível repensar fronteiras e desfazer dicotomias? In: SEMINÁRIO ACADÊMICO INTERNACIONAL DA APEC, 25. **Anais**. Barcelona, Espanha: Editora Desirée C. Rabelo, p. 221-232, 2020.

LACERDA, F. K. D.; BRANQUINHO, F. T. B. EAD e as concepções de meio ambiente e saúde: contribuições do conceito de rede sociotécnica. **EaD em Foco**, v. 1, p. 87-98, 2010.

LACERDA, F. K. D.; ESPÍNDOLA, R. M. Evasão da Educação a distância: um estudo de caso. **EaD em Foco**, v. 3, n. 1, p. 96-108, 2013.

LACERDA, F. K. D.; OLIVEIRA, I. B. Os polos de apoio presencial no estado do Rio de Janeiro: que espaços tempos são esses? **Revista Em Rede**, v. 4, n. 2, p. 303-316, 2017.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOURE, Bruno. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador-Bauru: Edufba EDUSC, 2012.

LATOURE, Bruno. **Onde aterrizar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LATOURE, Bruno; WOOLGAR, Steve. **Vida de Laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LO BIANCO, V.; FARIA, L. A Experiência do Consórcio CEDERJ e a democratização do ensino superior no Estado do Rio de Janeiro. **Revista Teias**, v. 20, n. 56, p. 113-132, 2019.

MORAES, A. A. A. Tarrafa de pescaria: o uso de carta na pesquisa. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 10, n. 19, p. 169-84, jan/jun 2006. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000100012> - Acesso em: 25 maio 2024.

NEGRÃO, F. C.; GONZAGA, A. M. A escrita de si por meio da metodologia de cartas (auto)biográficas. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - CONEDU, 8. **Anais VIII CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2022. p. 1-13. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/89808> - Acesso em: 16 nov. 2023.

OGATA, M. N.; PEDRO, W. J. A. (Org.). **Diálogos CTS com Paulo Freire**. Campina Grande/PB: EDUEPB, 2021.

PAULO, F. S. Cartas Pedagógicas como Instrumento Metodológico de Pesquisas Participativas. **Rev. Inter. Educ. Sup.**, Campinas, SP, v.9, p. 1-15, e023019, 2023.

PEREIRA, M.; PORTUGAL, A. S.; LACERDA, F. K. D. Horta Acadêmica e Ensino Superior a Distância: uma Experiência em um Polo Presencial no Rio de Janeiro. **EaD em Foco**, v. 11, n. 1, e1399, 2021.

PINHO JUNIOR, S. R.; LACERDA, F. K. D. ; ASSIS, P. S.; OLIVEIRA, A. N. A extensão universitária em um polo de educação a distância: o caso de Nova Friburgo/RJ. **EAD em Foco**, v. 4, p. 100-111, 2014.

SILVA, C. S. C. **Vamos viajar além do cosmos, por que não?** Sobre cartas pedagógicas e séries de divulgação científica no ensino de ciências. 66 f. 2020. TCC – (Licenciatura em Química), Universidade Federal da Paraíba, Pernambuco, 2020. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17722?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17722?locale=pt_BR) - Acesso em: 16 nov. 2023.

SOUZA, M. P.; MAZIN, D. P.; LACERDA, F. K. D. Evasão na Educação a Distância: uma análise do curso de Licenciatura em Geografia no Polo EAD de Nova Friburgo/RJ. **Revista Tessituras**, v. 6, p. 1-16, 2015.

---

#### COMO CITAR ESTE TRABALHO

ABNT: LACERDA, F. K. D.; BRANQUINHO, F. T. B. "Não se Afobe, não, Que Nada é Pra Já": 100 Anos de EaD no Brasil – Carta às Futuras Gerações. **EaD em Foco**, v. 14, n. 2, e2007, 2024. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v14i2.2207>